

Texto I

X

Meu pobre leito! eu amo-te contudo!

Aqui levei sonhando noites belas;
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licor dourado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das páginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
És a página d'ouro. Em teu asilo
Eu sonho-me poeta e sou ditoso...
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a fantasia! Oh! quantas vezes
Do levante no sol entre odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta música ouvi que me encantava!
Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais trêmulo que Faust, eu não beijava...
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiando!
Ó meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tão formosos, se devíeis
Me abandonar tão cedo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

AZEVEDO, Álvares. *Ideias íntimas*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 208.

Questão 1 - No fragmento citado de “Ideias íntimas” (Texto I), explique como o poeta assume uma perspectiva irônica em relação aos seus próprios sentimentos e demonstre através de citação de uma passagem do poema. Limite sua resposta ao espaço abaixo:

Ao longo do fragmento proposto, o eu-lírico enumera vivências prazerosas ocorridas em seu “pobre leito”. No entanto, nos últimos versos descobre-se a ironia (e o humor dela decorrente) revelada pelo questionamento do eu-lírico com relação ao teor onírico, irreal de tais vivências, fruto dos seus sonhos, conforme comprova o trecho: “Ó meus sonhos de amor e mocidade, /Porque ser tão formosos, se devíeis / Me abandonar tão cedo... e eu acordava / Arquejando a beijar meu travesseiro?”.

Texto II

Domingo na estrada

(...)

A terra é um universal domingo, as estampas não se destacam, desaparecem na série. Figura humana é que custa a aparecer. Só o garotinho que brincava no barro, entre galinhas, e o braço de homem, no fundo escuro da casa desbeijada, erguendo a garrafa.

Gente começa afinal a surgir, desembocando da ruazinha de arraial, em caminhões alegres, com inscrições: "Fé em Deus e pé na tábua", "Chiquinha casa comigo", e um ar de festa que é também domingueiro, festa nas roupas claras, nos lenços coloridos das cabeças; no riso largo, nos gritos. Rapazes de calção, viajando de pé, aos berros. Vão disputar a grande partida em um dos dez lugares da redondeza onde o futebol resolveu o problema da felicidade repartindo-a com todos, do meritíssimo doutor juiz de direito aos presos da cadeia, que assistem atrás de grades ou por informação, e tomam conhecimento do gol do seu clube pelo ruído particular dos foguetes. As moças vão também, salve ó moças! Já não têm nenhum ar especificamente montanhês, o cabelo aparado em pontas irregulares, a calça comprida e justa internacionalizaram há muito o tipo feminino, as garotas não são mais da França, da Turquia ou do Ceará, são todas de capa de revista, e mesmo assim continuam sendo a bem-aventurança e o licor da terra, e passam chispando no caminhão Fenemê, e desacatam o policial do posto da divisa, e vão entoando o sagrado nome do clube e a vitória certa. Há também o bêbado da estrada. Não é patético como o dos poetas neo-românticos que exploram o gênero, é simplesmente bêbado, sem pretensões, também ele universal na pureza de sua irresponsabilidade. Está a mil sonhos do futebol, mas a parada do caminhão para tomar água lhe comunica a chama do esporte, e ei-lo que engrola a exortação enérgica:

— Vocês me tragam a vitó... a vitóoria! Eu fico esperando a vit...

Todos aplaudem freneticamente. Mas as pernas arriam, e ele fica ali, desmanchado, à sombra da goiabeira, dormindo na manhã de Minas Gerais...

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa e a vida*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963, p. 55-57.

Questão 2 - Explique, levando em conta a comparação entre os Textos I e II, de que maneira a passagem "Não é patético como o dos poetas neo-românticos que exploram o gênero...", presente no Texto II, representa uma crítica dos modernistas ao Romantismo.

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

A passagem, retirada do texto II, é uma crítica ao modo através do qual os autores do Romantismo abordavam o hábito da bebida. O consumo de álcool era uma forma de fugir da realidade, de escapar de desilusões ou, até mesmo, como forma de inspiração. No texto II, por outro lado, Drummond, representante do Modernismo, ressalta que o bêbado de seu texto é comum, não idealizado e, portanto, mais próximo do real.